

Amadeo Bordiga, um dinossauro do comunismo

Barbaria

Link: <https://barbaria.net/2020/07/21/amadeo-bordiga-un-dinosaurio-del-comunismo/>

Publicamos nosso prefácio ao livro El principio democrático democrático y otros textos de Amadeo Bordiga, editado pelos camaradas chilenos Pensamiento y batalla.

Foi assim que Palmiro Togliatti, o principal líder do nacional-comunismo stalinista na Itália, se referiu ao protagonista de nosso livro. O objetivo era denegrir, mas, obviamente, Bordiga não podia deixar de gostar dessa provocação. Parece que o ouvimos afirmar "claro, um dinossauro do comunismo, assim como o comunismo, um movimento real que abole e supera o estado atual das coisas". O comunismo nada mais é do que o início e o fim do ciclo histórico da espécie, uma tensão antropológica humana que percorreu todas as sociedades de classe através das revoltas milenares que as atravessaram, tentando fazer valer as necessidades humanas diante de todo tipo de opressão. Esse é o significado da invariância comunista, como Jacques Camatte¹ nos lembra em seus escritos que retornam a esse importante conceito do comunista napolitano. Por um lado, a invariância como tensão antropológica; por outro, a invariância como permanência das categorias abstratas do capital, que retoma e transforma as invariantes da opressão: as classes, o Estado, a família, o patriarcado, o dinheiro... O comunismo é esse movimento real que anula essas categorias para afirmar a comunidade humana universal. Então, sim, dinossauros do comunismo!

Amadeo Bordiga ingressou na seção napolitana do PSI aos 21 anos de idade, confrontando-se rapidamente com o reformismo da seção local, atolada na maçonaria e no parlamentarismo. Isso não tinha nada a ver com o programa comunista que ele havia vislumbrado em suas leituras do *Manifesto do Partido Comunista* de 1848. Eram tempos de revolta na social-democracia italiana e uma facção intransigente começou a

¹ Jacques Camatte é um teórico marxista francês que foi membro do Partido Comunista Internacional, uma organização comunista de esquerda principalmente italiana sob a influência de Amadeo Bordiga, que denunciava a URSS como capitalista e pretendia reconstruir um leninismo anti-estalinista. [Nota do Tradutor – NT]

se formar em nível nacional, junto com outros socialistas como Lazzari² e Mussolini, contra os reformistas que haviam apoiado a Guerra da Líbia de 1911. Em 1912, Bonomi³ e Bissolati⁴, que haviam demonstrado solidariedade ao rei da Itália, que havia sobrevivido a um ataque de um camarada anarquista, foram expulsos. Em suma, essa foi uma atitude típica do reformismo em todas as épocas, invariável em sua própria maneira.

Bordiga se tornaria conhecido, especialmente entre os jovens italianos, por sua batalha anticulturalista com um dos principais líderes do futuro ordinovismo⁵ italiano (o grupo de Turim formado por Gramsci e Togliatti), Angelo Tasca⁶. Tasca defendia a necessidade de os jovens serem educados, estudarem, serem treinados por meio da leitura e das escolas, em suma, uma concepção esclarecida e consciente do comunismo. Contra essa visão esclarecida, Bordiga argumentou que o que era necessário era o instinto revolucionário. A revolução é um fato de fé, de luta, material, físico, não surge do mundo das ideias e da cultura. Esse aspecto anti-iluminista será uma das contribuições mais importantes e permanentes do comunista internacionalista desde sua juventude. Assim como a necessidade de construir uma atmosfera comunista no associativismo proletário, que prefigura o comunismo pelo qual lutamos e combatemos, ele retornará a essa mesma ideia em suas Teses sobre organização, mais de cinquenta anos depois.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Amadeo desenvolveu posições de derrotismo revolucionário. Isso o colocaria em conflito não apenas com aqueles que, como Mussolini, defenderiam a guerra imperialista sob premissas democráticas (defesa da França democrática contra o absolutismo prussiano), mas também com a tibieza da social-democracia italiana, que não apoiaria a guerra imperialista, mas não incentivaria a sabotagem proletária com seu slogan cínico *Né aderire, né sabotare*. Bordiga defendeu a sabotagem proletária e o derrotismo revolucionário, uma posição invariável que seria central *em toda a sua carreira militante*.

No contexto da Primeira Guerra Mundial, ele construiu uma Facção Revolucionária Intransigente que lançou slogans derrotistas e, em dezembro de 1918, fundou *Il Soviet*,

² Constantino Lazzari um dos fundadores do Partido Socialista Italiano. [NT]

³ Político italiano que chegou a ser o primeiro ministro da Itália. [NT]

⁴ Um dos líderes do Partido Socialista Italiano. [NT]

⁵ Referente ao L'Ordine Nuovo ou A Nova Ordem, um jornal publicado no ano de 1919. [NT]

⁶ Foi um dos líderes do Partido Socialista Italiano e apoiou o POUM durante a Guerra Civil Espanhola. [NT]

que seria o porta-voz da futura Facção Abstencionista. Esses foram anos marcados pela onda revolucionária mundial que durou de 1917 a 1923 e que teria um de seus centros mais importantes na Itália, no chamado *Biennio Rosso*⁷ (1919-1920). O *Biennio Rosso* estendeu-se por um período muito intenso de lutas, desde as greves de 20 e 21 de julho de 1919 até setembro de 1920, cujo ponto alto ocorreu em março de 1920 com a conhecida greve *da lanceta*: quando os proletários das fábricas de Turim adiantaram os ponteiros de seus relógios para não saírem à noite, uma revolta proletária contra a imposição do tempo abstrato do cronômetro. No processo de ocupação das fábricas italianas, sua polêmica com Antonio Gramsci será bem conhecida, pois o sardo defendeu uma perspectiva autogestionária no processo de ocupação das fábricas, o internacionalista napolitano explicou que a burguesia italiana não tinha nenhum problema com o fato de os trabalhadores se trancarem nas fábricas ou por meio dos representantes socialistas em assentos no parlamento italiano (naquela época, o PSI havia vencido as eleições gerais e municipais), mas *o que tinha de ser feito era a insurreição proletária, invadindo os quartéis, as delegacias de polícia e o Estado italiano. Não era necessário tomar a fábrica, mas tomar o poder destruindo o Estado burguês; não era hora de eleições políticas, mas de insurreição proletária. O processo revolucionário tinha de ser transformado em uma situação revolucionária*. E esse será o cerne da atividade revolucionária do comunista napolitano durante esses meses. Esse documento seria muito importante para os internacionalistas italianos que, na década de 1930, no exílio francês e belga, editaram a publicação *Bilan*.

Finalmente, o intelectual sardo aproximou-se provisoriamente das posições comunistas e, em maio de 1920, Gramsci participou de uma conferência clandestina em Florença que daria origem ao núcleo que, em torno de Bordiga, acabaria fundando, meses depois, o Partido Comunista da Itália. Semanas depois, essa reunião deu origem às *Teses Abstencionistas* documentadas nesta seleção de textos, nas quais ele argumentava que o proletariado se constituía como classe ao se constituir como partido (uma perspectiva central que retomava a ideia marxiana do *Manifesto Comunista*). Ele faz uma crítica clara à democracia e ao Estado, afirma a doutrina marxiana de que o ser social determina o pensamento e, em seguida, critica o educacionismo, o nacionalismo e o ordinovismo (lembre-se da crítica à perspectiva autogestionária da publicação torinense). O partido comunista é uma organização internacional que envolve o esforço

⁷ Acerca do tema: <https://lsr-asi.org/?p=4393>. [NT]

teórico e prático de todos os seus camaradas, e faz uma crítica inicial à perspectiva da frente unida que a Internacional Comunista defenderá mais tarde.

Em Ímola, em novembro de 1919, reuniram-se todos aqueles que, em janeiro de 1921, fundariam o Partido Comunista da Itália (no nome, com a rejeição do italiano, havia uma clara crítica a qualquer perspectiva nacionalista ou identidade nacional). Um partido que teria cerca de 100.000 militantes (58.000 em Livorno mais outros 35.000, alguns dias depois, vindos da Juventude Socialista da Itália) e seria um partido homogêneo, inicialmente, em sua perspectiva programática. Isso levará a um confronto contínuo com a liderança da Internacional Comunista.

Partido e Classe

As principais posições que serão esclarecidas em 1921 têm a ver com a perspectiva e a natureza do partido comunista. Essa será, sem dúvida, a principal contribuição da esquerda comunista italiana. Uma contribuição extremamente importante para os tempos atuais. O partido é um órgão de classe e a classe é definida por sua capacidade de se organizar em um partido. Portanto, a classe não é uma realidade sociológica e estática. Pelo contrário, a concepção comunista é própria de uma visão dialética que vê a história como um filme. A classe é dinâmica, e não estática, e é definida por suas metas e objetivos históricos. Portanto, pressupõe o partido como um vetor que unifica e sintetiza as vastas ações e movimentos da classe, superando os limites trabalhistas das categorias sociais. Como dissemos anteriormente, a classe não é um conjunto de indivíduos com condições sociais homogêneas, mas um movimento coletivo dirigido e orientado por seus objetivos históricos e finais.

É esse tipo de perspectiva que nos permite entender a afirmação peremptória da esquerda comunista italiana: ***os partidos e as revoluções não são criados, eles são liderados.*** Em suma, estamos diante da defesa de posições que confrontam, ao mesmo tempo, os limites do conselhismo e as concepções leninistas do partido. Para Bordiga, o partido não é separável da classe, há uma unidade inseparável entre classe e partido, mas unidade não significa identidade. ***O partido é tanto um produto quanto um fator da história.*** Essa definição dialética nos separa da visão leninista, caracterizada por seu voluntarismo tático, e do mecanismo conselhistas, para o qual a classe simplesmente tropeçará no comunismo. Se fôssemos sintetizar algumas das questões centrais dessa

concepção, que surgem das constantes afirmações marxianas desde o Manifesto Comunista até a Comuna de Paris, poderíamos destacar as seguintes:

- ***Uma perspectiva antiformalista:*** falar sobre classe, partido e revolução é uma questão de conteúdo e não de forma.
- ***Uma visão antivoluntarista:*** os partidos não são criados à vontade, fora dos movimentos de classe, o que o separa da concepção leninista do partido. O partido é um produto da luta de classes, Bordiga tinha em mente a declaração de Marx de que "nosso partido nasce do solo da sociedade capitalista".
- ***Uma visão não fotográfica*** da relação entre classe e partido, uma concepção que ***não pode ser estabelecida em seu imediatismo***. A unidade entre classe e partido não é um instantâneo barroco, é o resultado do movimento dialético e histórico que, por meio do antagonismo de classe, nos leva à reversão da práxis da sociedade do capital, em direção ao comunismo. Essa crítica ao imediatismo é central para a perspectiva da esquerda comunista italiana e a levará a polêmicas acaloradas com a mania reformista de alcançar a maioria sobre o movimento dos trabalhadores no momento X, sobre a perspectiva de alcançar a hegemonia sobre o proletariado por meio de movimentos táticos brilhantes.
- ***Uma concepção antifatalista:*** o partido é um produto da classe, mas ao mesmo tempo é um fator, um órgão que permite a inversão da práxis, como diria a esquerda italiana nos anos 50 do século XX. Isso também o separa das ideias conselhistas e antipartidárias em geral. O comunismo não será o resultado mecânico da luta de classes, estamos longe de algumas visões comunizantes de nossos tempos atuais, para as quais não vale a pena fazer nada subjetivo antes da eclosão revolucionária (porque ninguém nos ouve no momento fotográfico) nem na situação revolucionária (porque a criatividade transbordará tudo). E, no entanto, em uma situação revolucionária, o que acontece é um confronto entre duas formas sociais, ou melhor, em nosso caso, entre a sociedade do capital e a futura comunidade humana. Em outras palavras, acabar com o capital significa negar suas categorias abstratas e gerais, a fim de afirmar uma comunidade humana geral e universal. E isso requer programa, teoria, análise... O partido é um órgão da classe, nascido dela, de seus vastos movimentos e profundamente unido a ela, e é exatamente por isso que ele pode capacitar a ação da classe em direção à sua perspectiva histórica e objetivos finais, a negação do mundo subsumido ao capital.

- ***Uma perspectiva antidemocrática:*** como está refletida nos textos publicados. Justamente porque partido e classe não surgem das categorias do mundo do capital. O importante não é o que as vontades sociológicas pensam em um determinado momento.
- ***Uma visão não sociológica:*** o partido comunista nunca é um partido de trabalhadores, mas um partido daqueles que lutam pelo objetivo do comunismo. É o partido dos comunistas. E nisso sua perspectiva do comunismo como a abolição do trabalho assalariado, como a eliminação da ordem do trabalho como a ordem do capital, é clara. Daí o confronto da esquerda italiana com a questão da organização do partido comunista em células, que impôs a bolchevização do PCDI por meio de Zinoviev e pela execução de Gramsci. A divisão em células de fábricas nada mais é do que uma visão operária que vai em detrimento e contra a perspectiva geral, histórica e comunista do associativismo proletário. Essa discussão pode ser continuada no texto *The Nature of the Communist Party (A natureza do partido comunista)*, escrito em 1925.
- ***O partido é um órgão histórico e centralizado da classe.*** E isso é muito importante porque nos diz que o partido é um partido histórico, ou seja, além deste ou daquele agrupamento formal que possa vir a existir, nosso partido é um partido que surge, pelo menos para abreviar nossa história, desde 1848. É um partido que rompe com as cronologias burguesas e com as perspectivas de tempo cronológico das vidas individuais, e é por isso que mais tarde virá a afirmar que o partido comunista é o partido da espécie. E é um partido mundial, que rompe com os espaços nacionais e as separações do capital, e isso também é, sem dúvida, muito importante. O terreno mundial é o terreno do capital e o terreno de nossa classe que se insurge contra ele. Somente nesse espaço global é possível derrotarmos o capitalismo. O internacionalismo e a centralização internacionalista decorrem claramente do núcleo dessas posições.

Essas posições comunistas, que Bordiga defendeu ao longo de 1921 com alguns textos aqui publicados, como o *Princípio Democrático ou as Teses de Roma do Segundo Congresso do PCdI*, explicam os constantes confrontos que Bordiga e a esquerda italiana teriam com Lênin e, mais ainda, com seus epígonos leninistas. No centro de todos esses confrontos está a questão do partido. Já explicamos que o partido é um órgão e uma síntese da classe, não um instrumento de vanguarda para conquistar a

influência da maioria sobre ela, que é o que a maioria da Internacional Comunista daqueles anos defendia com voluntarismo político e tático. Para Bordiga, as táticas revolucionárias têm de estar completamente subordinadas às posições programáticas, e não o contrário, o que é de uma atualidade candente se pensarmos nos processos de luta de classes que estamos vivendo cem anos depois. Por exemplo, se as posições comunistas são antidemocráticas, isso significa que não podemos defender slogans democráticos para que sejam mais bem ouvidos pelas massas, pela classe. É por isso que hoje a crítica proletária, comunista e anarquista da Assembleia Constituinte na região chilena é fundamental. A social-democracia sempre começa seu trabalho com questões táticas, ninguém começa dizendo (nem mesmo Bernstein) que é contra a revolução, ou o ataque insurrecional, simplesmente diz que é necessário ser um pouco menos sectário, abstrato, categórico. É claro que é muito bom criticar todos os campos conflitantes em uma guerra imperialista, mas a realidade é um pouco mais complexa. Assim começou, como ele gostava de lembrar a Bordiga, a crítica de Mussolini ao derrotismo revolucionário em 1914-1915, e sabemos em que versão do reformismo histórico o filho de professores socialistas acabou se transformando.

Questões táticas que, sem dúvida, têm um sabor central e claramente estratégico, não questões de detalhes. No caso dos anos 20, Amadeo foi confrontado com duas dessas questões decisivas, a questão do governo dos trabalhadores e a questão da frente unida. Com o governo dos trabalhadores, a questão decisiva da ditadura do proletariado, ou seja, o ataque revolucionário e violento à sociedade de classes, estava sendo contornada, e com a frente unida, a unidade com a social-democracia, ou seja, com o partido do capital para os trabalhadores, estava sendo legitimada pela moralidade democrática e sociológica.

Essas questões táticas estão bem refletidas em um texto como *The Rome Theses*.

Críticas à democracia

A crítica da esquerda italiana à democracia não é apenas de natureza eleitoral e abstencionista, mas também de natureza teórica e doutrinária, daí sua indubitável importância.

Por um lado, o princípio democrático nasce das entranhas dessa sociedade, de seu caráter mercantil que nos iguala a todos como sujeitos abstratos, desvinculados de nossa realidade de carne e osso, por meio da competição capitalista. A democracia não é uma

mentira, uma cenoura para enganar os proletários sobre a bondade do capitalismo, mas uma expressão do ser social do capital, uma mistificação muito real, de fato.

Mas se a democracia é uma mistificação muito real, uma realidade intrínseca à sociedade do capital, a forma como os comunistas funcionam não pode ser democrática. Daí sua crítica às formas democráticas de funcionamento em estruturas proletárias que meramente reproduzem os fundamentos do mundo do capital. É uma questão de natureza, de ser comunitário em oposição ao ser social do capital. Se o partido prefigura o comunismo, não podemos reproduzir suas formas de funcionamento. A esquerda italiana está funcionando e já está começando a falar, nesse sentido, do que desenvolverá muito mais na década de 1960, o centralismo orgânico. A natureza da classe e do partido de que a primeira é dotada tem a ver com um organismo biológico, natural e vivo, e não com uma aritmética abstrata e parlamentar. Tudo isso está bem explicado no último texto *Abaixo a república burguesa! Abaixo sua constituição!*

O fascismo como uma síntese das facções burguesas

As posições da esquerda italiana sobre o fascismo não têm nada a ver com as concepções usuais da esquerda sobre o capital; na verdade, elas são uma resposta polêmica e antagônica às visões antifascistas. Em contraste com as concepções de Gramsci e, sobretudo, de Togliatti, para quem o fascismo é um movimento de massa reacionário, para Bordiga o fascismo é uma expressão moderna e progressiva do capital em um determinado momento histórico. Um movimento objetivo que, diante da crise do capital, busca domá-lo e canalizá-lo por meio da estatização de sua dinâmica automática. Um movimento histórico, oposto ao movimento real do comunismo e reagindo contra ele, e, portanto, objetivo, que tem paralelos muito fortes em sua natureza com o que aconteceu no New Deal de Roosevelt e nos planos quinquenais do stalinismo.

Esse seria seu caráter geral e histórico, não um produto do mundo clerical ou da direita radical e conservadora, mas um produto moderno da dinâmica do capital. É isso que explica as origens esquerdistas do fascismo (veja as origens socialistas de Mussolini e de boa parte dos quadros da *Fasci di combattimento* na USI anarco-sindicalista italiana ou a profunda influência do futurismo italiano e da vanguarda artística) e sua capacidade reacionária e contrarrevolucionária.

Dito isso, e de uma perspectiva mais concreta, o triunfo do fascismo foi possível graças ao papel malfadado do PSI e à derrota da onda revolucionária do *Bienio Rosso*. O refluxo dessa última tornou o triunfo do fascismo inevitável para a esquerda comunista italiana. O fascismo, a partir dos movimentos pendulares das classes médias (que passaram do apoio ao PSI ao fascismo), propôs-se como o órgão de síntese em nível político para a burguesia. Diante do caos e da desordem revolucionária, diante das diferentes facções burguesas que, em seu jogo parlamentar, eram incapazes de controlar a situação social, Mussolini e seus camisas negras ofereceram à grande burguesia italiana a ordem social necessária para seus movimentos de capital. Em troca, eles tiveram que reconhecer um peso maior, uma hiperinflação do peso do Estado, o capitalismo enfrentou a onda revolucionária em um casamento mais próximo com seu Estado.

Portanto, é importante entender o papel triplo do Estado, das classes médias e da grande burguesia. O fascismo não surgiu no sul agrário e rural da Itália, não tinha um perfil feudal (como Togliatti argumentou), mas no norte industrial e no interior capitalista da Padânia e da Emília Romagna. ***O fascismo foi a organização da burguesia em um partido político que se beneficiou da derrota e do declínio do proletariado após o Bienio Rosso.*** Além disso, para Bordiga, o fascismo é pura organização, não tem doutrina própria, mas, em um sentido instrumental, toma e bebe do que precisa. Do sindicalismo de Sorel ao voluntarismo de Bergson ou Nietzsche, dos mitos da comunidade nacional e da nação proletária de Corradini⁸ ao corporativismo sindical ou às propostas de autogestão e controle dos trabalhadores, como pode ser visto na Carta de Verona da República Social Italiana de 1943⁹.

Por fim, *não há oposição entre o fascismo e a democracia*, uma vez que a democracia é o ser social do capital e o fascismo é um produto das necessidades modernas do capital, mas sim complementaridade. Isso é muito importante para entender por que a esquerda italiana recusará qualquer tipo de compromisso fraterno com as correntes burguesas em uma chave antifascista, desde o PSI até os democratas-cristãos populares italianos. Daí a oposição da esquerda italiana à perspectiva defendida por Gramsci, após o assassinato de Matteotti em 1924, de se aliar ao arco parlamentar burguês, indo do Parlamento italiano ao Aventino em uma chave antifascista. *O antifascismo é o pior produto do fascismo*, dirá Bordiga nesse sentido, porque "graças" a ele o proletariado perde suas

⁸ Acerca de Corradini, vale uma leitura deste artigo: <https://passapalavra.info/2014/03/92734>. [NT]

⁹ Acerca da carta, vale a leitura: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_de_Verona. [NT]

energias anticapitalistas e antagônicas em nome do suposto mal maior fascista. As consequências do antifascismo ficarão claras para qualquer internacionalista na Segunda Guerra Mundial e como ele foi fundamental para a formação dos blocos imperialistas e o massacre indiscriminado do proletariado, como bucha de canhão para a burguesia.

Foi apenas o começo

Em 1924, a Internacional Comunista impôs a liderança de Gramsci ao Partido Comunista da Itália e, para isso, apesar da mitologia que existe hoje em torno do suposto "erudito" sardo, foram usados todos os tipos de métodos policiais (como a apreensão do material transportado pelos militantes da esquerda comunista). Em janeiro de 1926, durante o Terceiro Congresso do PCDI¹⁰ em Lyon, a liderança foi definitivamente entregue a Gramsci e Togliatti em um congresso repleto de manobras políticas de todos os tipos. Entretanto, antes de ser preso em novembro de 1926, Bordiga participou do famoso Sexto Executivo Ampliado da Internacional Comunista, onde teve a oportunidade de irritar Stalin, que chegou a lhe dizer: "Nunca pensei que um comunista pudesse me fazer essa pergunta. Deus o perdoe!". A pergunta era de fato retórica, pois caso a revolução proletária não fosse bem-sucedida, o destino inevitável da "construção socialista" seria o capitalismo. Na realidade, já está claro no presente que o capitalismo já vinha se desenvolvendo na Rússia Soviética há alguns anos e que os bolcheviques se tornaram seus executores por meio dos processos de industrialização taylorista, entre outros mecanismos. Foi na esteira desse Executivo que a carta de Karl Korsch a Bordiga pedindo uma aliança internacional entre a esquerda e a Internacional Comunista deve ser colocada. Korsch, que havia sido Ministro da Justiça no "Governo dos Trabalhadores" da Turíngia, havia se identificado com as intervenções de Bordiga no Executivo Ampliado e confrontado a dinâmica capitalista e imperialista do socialismo em um único país. O comunista alemão havia fundado uma organização de milhares de militantes, a Esquerda Intransigente. Bordiga lhe disse que não era hora de blocos puramente anti-Komintern, mas de balanços programáticos e de uma compreensão da derrota que havíamos experimentado na onda revolucionária daqueles anos. Foi a essa tarefa que a esquerda italiana se dedicou naqueles anos, por meio da publicação de revistas como *Prometeo*¹¹ e *Bilan*. Camaradas como Ottorino Perrone (Vercesi) foram fundamentais nessa tarefa, e Bordiga viveu isolado em Nápoles de 1929 até o fim da Segunda Guerra Mundial, após ser libertado da prisão, estudando e

¹⁰ Acerca deste Congresso: https://www.quinterna.org/archivio/1924_1926/intervento_bordiga.htm. [NT]

¹¹ Acerca deste número: <https://criticadesapiada.com.br/bordiga-e-bordiguismo/>. [NT]

analisando as causas da derrota que havia sofrido. Por outro lado, a esquerda italiana fez contribuições muito importantes em *Bilan* e *Prometeo*, porque seu método de trabalho não era personalista e não derivava de nenhuma personalidade em particular; o anonimato desse tipo de trabalho foi fortemente defendido após a guerra. Vercesi já havia defendido no Congresso de Lyon que suas posições não eram as de Bordiga, que Bordiga era simplesmente um instrumento que as expressava com um brilho especial, mas que, se um dia ele rompesse com elas, o proletariado e o comunismo expulsariam Bordiga de seu seio, como sempre havia feito com energia e decisão implacável.

A aposentadoria de Bordiga desde 1929 sempre foi uma fonte de controvérsia. Sem dúvida, ela decorre do determinismo de Bordiga e, felizmente, seu trabalho foi continuado pelos colegas *de Bilan*, mas não há dúvida de que o estudo de Bordiga sobre a contrarrevolução e a doutrina marxiana naqueles anos foi decisivo para as enormes, importantes e, infelizmente, pouco conhecidas contribuições que Amadeo Bordiga fez nos anos cinquenta e sessenta do século XX. Sem dúvida, e como sempre dizem os companheiros da N+1, o Bordiga mais interessante é este, embora muitas das questões que ele elaborou naqueles anos já estivessem contidas na batalha titânica que, em meio à onda revolucionária, estas páginas expressam. Bordiga estava ciente de tudo isso. Quando a polícia fascista, que o vigiava com três policiais que estavam constantemente de plantão, gravou uma conversa com seu cunhado: "Devemos nos afastar e esperar, esperar não por esta geração, mas pelas gerações futuras".

É aqui que estamos.

Nas gerações futuras.

Na espera ativa e presente e na luta pelo comunismo.

Grupo Barbaria, janeiro de 2020.